

A Netflix como ferramenta digital e audiovisual na abordagem de gênero, raça e racismo nas séries *Hollywood* e *Coisa Mais Linda*¹

Netflix as a digital and audiovisual tool in approaching gender, race and racism in the *Hollywood* series and the *Most Beautiful Thing*

Netflix como herramienta digital y audiovisual en el abordaje de género, raza y racismo en la serie *Hollywood* y *Lo Más Hermoso*

Recebido: 18/01/2022 | Revisado: 23/01/2022 | Aceito: 25/02/2022 | Publicado: 06/03/2022

Walter Rodrigues Marques

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8744-2180>
Secretaria de Estado da Educação do Maranhão, Brasil
E-mail: walter.marques@prof.edu.ma.gov.br

Francisca Maria Lopes Menezes Nascimento

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2700-2319>
Universidade Federal do Maranhão, Brasil
Secretaria Municipal de Educação de São Luís, Brasil
E-mail: franciscaml.menezes@hotmail.com

Tassiane Sousa Correa Branco

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8443-5287>
Centro Universitário do Maranhão, Brasil
E-mail: tassianesousacorrea@gmail.com

Zélia Maria Vieira Aranha

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2921-9922>
Secretaria de Estado da Educação do Maranhão, Brasil
E-mail: ailez47@hotmail.com

Luis Félix de Barros Vieira Rocha

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9309-3175>
Secretaria Municipal de Educação, Brasil
E-mail: felix_rocha_luis@yahoo.com.br

Nara Santos Ferrão Coêlho

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3647-3075>
Universidade Federal do Maranhão, Brasil
E-mail: naraferraofv@gmail.com

Rafaella Cristina de Oliveira Lima

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7074-0029>
Colégio Educallis, Brasil
E-mail: lima.rafaella.86@hotmail.com

Maria Neuraildes Gomes Viana

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9758-422X>
Secretaria Municipal de Educação, Brasil
E-mail: neura.gomes@hotmail.com

Francisca Maria Rodrigues Marques

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7447-3917>
Universidade Federal do Maranhão, Brasil
E-mail: fmr.marques@discente.ufma.br

Resumo

O artigo discute a representação da mulher na sociedade na primeira metade do século XX nas séries *Hollywood* e *Coisa Mais Linda*, transmitidas pela internet no canal de *streaming* Netflix, ambientadas respectivamente, em Los Angeles (USA) nos anos 1940 e Rio de Janeiro (BRA) nos anos de 1950-60. O artigo objetiva discutir violência de gênero, de raça e de racismo, utilizando como metodologia a análise de produções dos canais de *streaming* que abordam temas que a grande mídia considera tabu. É indiscutível o papel da internet como tecnologia que auxilia na difusão das possibilidades de discussão de uma gama de temas que de outra forma não seria possível. A mulher está representada nas séries de variados prismas, é branca, negra, pobre, rica. Contudo, têm algo em comum: são mulheres

¹ Artigo apresentado sob o título: A NETFLIX COMO FERRAMENTA DIGITAL EDUCACIONAL DO ÁUDIOVISUAL NA ABORDAGEM DE GÊNERO, RAÇA E RACISMO NAS SÉRIES HOLLYWOOD E COISA MAIS LINDA, no Simpósio Internacional e Nacional de Tecnologias Digitais na Educação (5.:2020: São Luís, MA). E-BOOK [recurso eletrônico] do II Simpósio Internacional e V Nacional de Tecnologias Digitais na Educação/João Batista Bottentuit Junior (Organizador). - São Luís: EDUFMA, 2020. 3401 p. ISBN E-BOOK: 978-65-0021049-1 ISBN ANAIS: 978-65-0021050-71.

e por isso, sofrem as mesmas violências, tanto físicas quanto simbólicas. A violência de gênero e de raça é latente nas séries. Descartando o conceito de “verdade”, utilizou-se o conteúdo das obras para dissertar sobre os fundamentos do colonialismo e do patriarcalismo (a mulher como propriedade do homem). A ideologia de que a mulher pertence ao homem sustenta o suposto direito deste homem de decidir se a mulher vive ou morre quando ela não quer mais viver com ele. A atuação da Netflix tem possibilitado a discussão sobre diversidade e direitos individuais em diálogo aberto com o grande público. Espera-se que o artigo contribua para ampliar a discussão sobre a equidade de gênero e raça no campo educacional e social.

Palavras-chave: Cinema e mulher; Legislação; Violência; Representações sociais; Streaming e internet.

Abstract

The article discusses the representation of women in society in the first half of the 20th century in the Hollywood and *Coisa Mais Linda* series, broadcast over the internet on the Netflix streaming channel, set respectively in Los Angeles (USA) in the 1940s and Rio de Janeiro (BRA) in the 1950s-60s. The article aims to discuss gender, race and racism violence, using as methodology the analysis of productions from streaming channels that address topics that the mainstream media considers taboo. The role of the internet as a technology that assists in the dissemination of the possibilities for discussing a range of topics that would otherwise not be possible is indisputable. The woman is represented in the series of varied prisms, she is white, black, poor, rich. However, they have something in common: they are women and therefore suffer the same violence, both physical and symbolic. Gender and race violence are latent in the series. Discarding the concept of “truth”, the content of the works was used to talk about the foundations of colonialism and patriarchy (women as the property of men). The ideology that the woman belongs to the man supports this man's supposed right to decide whether the woman lives or dies when she no longer wants to live with him. Netflix's performance has enabled the discussion of diversity and individual rights in open dialogue with the general public. It is hoped that the article will contribute to broadening the discussion on gender and race equity in the educational and social field.

Keywords: Cinema and women; Legislation; Violence; Social representations; Streaming and internet.

Resumen

El artículo analiza la representación de la mujer en la sociedad en la primera mitad del siglo XX en las series *Hollywood* y *Coisa Mais Linda*, retransmitidas por Internet en el canal de streaming de Netflix, ambientadas respectivamente en Los Ángeles (EE. UU.) En los años 40 y en Rio de Janeiro (BRA) en las décadas de 1950 y 1960. El artículo tiene como objetivo discutir la violencia de género, raza y racismo, utilizando como metodología el análisis de producciones de canales de streaming que abordan temas que los grandes medios de comunicación consideran tabú. Es indiscutible el papel de Internet como tecnología que ayuda a difundir las posibilidades de debatir una variedad de temas que de otro modo no serían posibles. La mujer está representada en la serie de prismas variados, es blanca, negra, pobre, rica. Sin embargo, tienen algo en común: son mujeres y por tanto sufren la misma violencia, tanto física como simbólica. La violencia de género y raza está latente en la serie. Descartando el concepto de “verdad”, el contenido de las obras se utilizó para hablar de los fundamentos del colonialismo y el patriarcado (la mujer como propiedad de los hombres). La ideología de que la mujer pertenece al hombre apoya el supuesto derecho de este hombre a decidir si la mujer vive o muere cuando ya no quiere vivir con él. La actuación de Netflix ha permitido la discusión de la diversidad y los derechos individuales en un diálogo abierto con el público en general. Se espera que el artículo contribuya a ampliar la discusión sobre la equidad de género y raza en el campo educativo y social.

Palabras clave: Cine y mujer; Legislación; Violencia; Representaciones sociales; Streaming y Internet.

1. Introdução

“Numa sociedade racista não basta não ser racista, é preciso ser antirracista”.
(Angela Davis).

O artigo discute preconceito e violência de gênero, raça e racismo em duas séries transmitidas pelo canal de *streaming* Netflix² que são *Hollywood* e *Coisa Mais Linda*. No primeiro é discutido gênero, sexualidade, raça, homossexualidade, utopia, sonhos, classe social. Já no segundo, são discutidos o gênero e a raça ambientados em uma sociedade carioca boêmia dos anos 50/60 do século XX não parecendo diferenciar-se do século XIX.

² Shih, Kaufman e Spinola (2007); Shih e Kaufman (2014) explicam o fenômeno Netflix.

Hollywood mostra a sociedade patriarcal, aquela comandada por homens, que fazem cinema baseado nos costumes (brancos), onde jamais seria admitido um protagonismo negro. Mas, quando o dono de um estúdio tem um derrame, sua esposa assume o comando e aceita fazer (não sem resistência por parte dela e insistência de visionários da igualdade/equidade) um filme de um roteirista negro e estrelado por uma protagonista negra. A atitude da comandante do estúdio foi um escândalo, pois isso era inconcebível naquele país (Estados Unidos) no dado momento.

Coisa Mais Linda retrata essa mesma sociedade de *Hollywood* transmutada para a capital do Brasil antes de Brasília (o Rio de Janeiro) e, São Paulo nos anos de 1950 e início de 1960. Uma sociedade totalmente patriarcal e colonial. Maria Luíza (Malu), paulista que se muda para o Rio de Janeiro com o marido (o qual lhe rouba todo o dinheiro com que iriam abrir um restaurante na capital), resolve abrir um clube de música (misturando samba e *jazz*) e inaugurando com isso um novo estilo de música, a bossa nova. Mesmo que Malu e Adélia tenham construído o clube de música sozinhas, quando o marido de Malu retorna de suas aventuras sexuais, assume o comando, pois, segundo a lei brasileira daquela época, mulheres não podiam abrir negócio. A série mistura as raças, junta Malu (branca, herdeira do café e suas amigas) com o morro representado por Adélia (negra, que carrega nesse personagem, todos os estigmas do ser negro no Brasil). Malu propõe sociedade com Adélia no clube, que, naturalmente não acredita na oferta, mas depois aceita a empreitada. Embora Malu pareça desprovida de preconceito racial, Adélia mostra o quanto disso há em Malu. Adélia barganha e se posiciona em lugar de igualdade com Malu. A alteridade e empatia (não sem conflitos) permeia as relações das duas personagens. A Netflix buscou explorar e discutir classe social, raça e gênero na construção dos personagens de Malu, Lígia, Thereza (representantes da elite branca), Adélia (representante da pobreza, mulher negra) problematizando a condição do negro no Brasil, a violência doméstica e de gênero, classe social, para transformar o olhar sobre o indivíduo.

O feminicídio retratado em Coisa Mais Linda pelos personagens Augusto e Lígia é o ponto culminante de um rastro de violência física e simbólica contra a mulher no Brasil. Dentre surras e estupros, a violência simbólica e morte social é bastante presente quando Augusto (pré-candidato à prefeitura do Rio de Janeiro) refuta a possibilidade de Lígia se tornar uma cantora. A alma de Lígia extrapola o físico e mostra com uma cadência exuberante o quanto a música é o mundo dela. Lígia é uma estrela que deve pertencer ao mundo, jamais a um homem. E é por isso que Augusto lhe toma a vida, com um tiro no peito. No julgamento de Augusto, a imagem da mulher (e das mulheres, é destruída) e o réu é condenado a 4 anos de prisão, mas com todos os seus antecedentes: homem, branco, de família, réu primário, contribuem para que o juiz lhe conceda o cumprimento da pena em liberdade. Quem, de fato, recebeu a punição? Entre conflitos, tristezas e alegrias, Adélia, Malu, Thereza e Lígia dão uma lição à sociedade brasileira que, ao que parece, pouco se modificou em 132 anos após o fim oficial da escravatura no Brasil e 131 da Proclamação da República.

1.1 Considerações iniciais

A luta pela liberdade é recorrente na história. A história diz que os homens criaram suas próprias prisões. Pelo menos nisso, a história não condenou as mulheres. A luta da mulher por igualdade de condições não ganhou visibilidade até a história recente. É fato que as mulheres sempre lutaram para que seu potencial fosse reconhecido. Correia et al. (2022) explora a história da física Marie Curie, no *streaming Radiactive*, um exemplo de luta e resistência da mulher por reconhecimento social e profissional. Quem inventou essa bobagem de sexo frágil? Um homem não suportaria fazer nem vinte por cento do que uma mulher faz. Sem contar a condição multitarefa, habilidade impossível a um homem. Cultural ou biológico, o que é líquido e certo é que as mulheres são capazes de lidar mais com dor que os homens.

A violência contra a mulher não se dá apenas de forma física, essa é apenas uma das formas de violência e que fica visível a todos. E a violência psicológica, aquela que diminui a mulher em um espectro tão amplo que dificilmente se poderá mensurar? A violência econômica, quando lhe é dito que saindo daquele “lar”, a mulher não tem como se sustentar e a seus

filhos quando existem; a violência pelo excesso de amor, o homem diz que bate porque ama demais e ela acredita ou é levada a acreditar; a violência social, essa talvez seja a mais perversa de todas porque se a mulher decidir sair daquele espaço de violência, seja sexual, econômica, psicológica, ainda terá que enfrentar a sociedade.

Johas e Silva Filho (2020, p. 31) com base em Welzer-Lang (2001) apontam que:

A (s) violência (s) contra a mulher se manifestam das mais diversas formas na sociedade brasileira: por meio do assédio sexual, das agressões psicológicas e morais, dos inúmeros feminicídios, dos estereótipos e também através do estupro. Essas manifestações de agressão, perpetradas por homens, não podem ser entendidas sem uma devida compreensão do modo como se constroem as masculinidades dos garotos que, como indivíduos, futuramente estabelecerão relações violentas entre si e com as mulheres.

Os autores destacam que o feminicídio é o reflexo de um processo social que tem no corpo feminino a construção de uma propriedade privada para uso do homem. Essas violências múltiplas (física, psicológica e simbólica) nada mais são do que o reflexo do que acontece no espaço privado que tem o homem como protagonista. Segundo Johas e Silva Filho (2020, p. 31) “O imaginário dominante é o de que as mulheres não apenas devem se doar em termos de cuidado, atenção e compreensão; mas também em termos da sua sexualidade (Beauvoir, 1980)”. Destacamos um personagem que embora homem, é enigmático no tocante ao discurso da igualdade – Magneto – que, numa análise superficial, parece ser a personificação do mal, porém, visto pelo prisma da igualdade e do respeito à diferença, se percebe que só quer ser respeitado e visto como ele é.

Uma fala bastante interessante, e porque não intrigante, dita por ele é: “Essa sociedade não nos aceita Charles³” (*X-Men*). Essas pessoas que se sentem superiores às outras, pautam-se unicamente em um fundamento utópico da herança divina (criação da civilização ocidental, ou seja, da Europa), que têm a religião certa (as do Outro são coisa do diabo), têm a cor e a raça certa (os negros e índios já foram⁴ considerados peças, ou seja, sem alma, portanto, descartáveis), que têm a moral e os costumes certos. O eurocentrismo é fonte de dor e sofrimento – segregam por meio de uma ideologia de raça superior e matam em nome de Deus: mulheres, gays, índios, latinos, árabes etc.

A sociedade determina a forma como as pessoas devem viver, que religião seguir, o que devem vestir, com quem devem namorar e com quem devem se casar (nem todas as pessoas servem para casamento), portanto, determina a moral e os costumes. Até então, é um conjunto de regras para regular o *modus vivendi* da sociedade. Contudo, pasmem, a algumas pessoas dessa sociedade, ou melhor, aos homens e ressalta-se ainda, brancos, essas regras não devem e não são aplicadas. O artigo 5º da Constituição da República Federativa do Brasil (CF/1988) reza nos direitos fundamentais que “Todos são iguais perante a lei”. Primeira problemática: o artigo remete ao entendimento de que não importa se rico ou pobre, branco, índio ou preto, todos têm a mesma representação social perante a lei. Segunda problemática: a mulher, seja ela branca, índia ou preta, a Lei as vê como iguais? Terceira problemática: a criança, ela é respeitada de acordo com o artigo 5º, todas têm igualdade de acesso à educação, ao lazer e aos bens culturais? Quarta problemática: a mulher, o homem e a criança indígena e negra, são iguais perante a Lei, são tratadas em igualdade de condições como o são os pares brancos?

O mote da discussão é a violência contra a mulher, seja ela branca ou negra, mas essa violência é exponencialmente incomparável quando se refere à mulher negra. Embora a análise seja das duas obras cinematográficas abaixo descritas, muitas outras merecem destaque como *As sufragistas*, *Olhos que condenam*, *A 13ª emenda* e *Estrelas além do tempo*. Ressalta-se que, embora cinematográficas, o acesso a conteúdo de relevância para as discussões de minorias sociais não seria possível sem os canais de *streaming* como a Netflix. A democratização do acesso por meio da internet e desses canais de *streaming* permitiu que um grande contingente de pessoas pudesse, do conforto de suas salas, dialogar com questões consideradas tabus e que a

³ Fala de Magneto (personagem interpretado por Ian McKellen na franquia X-MEN). Magneto, embora seja um dissidente, considero que tem certa razão, pois, como ele diz, essas pessoas nunca vão nos aceitar, sempre vão se achar superiores. Então, o que temos que fazer é lutar todos os dias para garantir liberdade.

⁴ Será que foram, ou não é justamente por isso que ainda estamos na base dessa luta? Mudou alguma coisa ou apenas se travestiu a realidade? O racismo diminuiu?

telona se recusa tratar e projetar, como *13 Reasons Why* que explorou o por que uma estudante comete suicídio, temas como a sexualidade, tanto heterossexual quanto homossexual ou mesmo dos indivíduos que transitam entre os sexos (*Sense8*) e que preferem não serem classificados como isso ou aquilo. Isso é permitir que as pessoas exerçam sua função social de escolha, o que a sociedade normativa quer fazer pelas pessoas. Segundo Marilena Chauí (2000), a sociedade brasileira é uma sociedade autoritária baseada em seu mito fundador.

2. Metodologia

A metodologia utilizada foi a análise fílmica de algumas produções da Netflix que abordaram temas considerados tabus pela sociedade heteronormativa – ditas dos bons costumes e da tradição. Ressalta-se que nos últimos anos, no Brasil, foi cunhado um novo tipo de pessoas sociais – “as pessoas de bem”. Os filmes analisados estão em nível primário (*Hollywood*, *Coisa Mais Linda*), enquanto outras obras que nos ajudaram a fundamentar a discussão, estão em nível secundário, mas não menos importante, como: *Sense8*, *13 Reasons Why?*

Quanto ao tipo de abordagem, a pesquisa fundamenta-se como qualitativa, pois está de acordo com Minayo (1994, p. 21-22) que entende que: “Trabalhar com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos”. E, segundo Reis (2018, p. 20) “[...], quando o objetivo for compreender como os indivíduos interpretam suas experiências vividas dentro de um contexto social, histórico e cultural, deve-se optar por uma pesquisa qualitativa que aprofunda a compreensão do problema, [...]”. Contudo, ressalta-se que é pesquisa de observação não-participante (Richardson, 1999), uma vez que não há interação entre o pesquisador e o objeto pesquisado.

O objetivo da pesquisa é discutir a violência de gênero, raça e racismo nas séries *Hollywood* e *Coisa Mais Linda* e inter-relacionar com a realidade atual da mulher, do negro e da negra ante a um suposto direito divino do macho da espécie. Destaca-se especialmente a mulher e a legislação brasileiras em torno do direito dessa mulher e o machismo tardio, porém, muito presente na vida delas. Chamamos esse machismo de tardio porque é uma prática que não tem mais fundamento na atualidade. Ressalta-se que entendemos por atualidade o primeiro quartel do século 21, no qual questões como xenofobia, homofobia, gênero e racismo deveria já ter sido superado, especialmente por quem se julga civilizado e é orientado por doutrinas religiosas, como as judaico-cristãs, com um forte destaque para a onda neopentecostal.

Apesar da análise partir do que se discute e vivencia nas séries, buscou-se bibliografia sobre a função democratizadora do *streaming*, tendo a Netflix como a pioneira nesse tipo de acesso, para apoiar a discussão no tocante à violência de gênero e de raça e racismo contra a mulher seja simbólica, seja física e sendo a mulher branca ou negra.

Os tópicos referentes aos objetos de análise (séries) iniciar-se-ão com uma imagem da série, buscando explicitar o máximo possível sua representação.

3. Discussão e Resultados da Análise das Séries *Hollywood* e *Coisa Mais Linda*

3.1 *Hollywood*

A Figura 1 apresenta personagens de destaque da trama. Em uma leitura visual-semiótica, o peso viso espacial está equilibrado, com dois homens do lado direito e dois homens do lado esquerdo (Dondis, 2007), sendo um negro. Ao centro e em primeiro plano, duas mulheres que vão rivalizar na disputa de papéis para protagonizar um filme – uma negra e uma branca. A luta pelo papel é da negra.

Figura 1 – Personagens da série *Hollywood*.



Fonte: https://br.web.img3.acsta.net/r_1280_720/newsv7/20/04/30/20/47/4553175.jpg

A série retrata a trajetória de jovens que vão para *Hollywood* para realizarem o sonho de serem grandes estrelas do cinema. É uma produção baseada em metalinguagem, ou seja, é o cinema falando do cinema. A trama discute o que esses jovens são capazes de fazer para chegarem à telona, como por exemplo, prostituírem-se para conseguir realizar tal sonho. Os estúdios são dirigidos por homens. Às mulheres só cabe serem acompanhantes de seus maridos. As problemáticas explicitadas na série são: a violência de gênero (contra a mulher), a homossexualidade, a violência de raça (contra o negro). O patriarcado é retratado com muita ênfase.

A Figura 2 ilustra um momento de enfrentamento ao patriarcado, quando os dois personagens, na premiação do Oscar, declaram sua relação homossexual e beijam-se à frente de todos, um deles representa o ator hollywoodiano Rock Hudson.

Figura 2 – Cena de um beijo entre dois homens na premiação do Oscar.



Fonte: <https://p2.trrsf.com/image/fget/cf/648/0/images.terra.com/2020/05/21/hollywood.jpg>

Hollywood, ambientado no Pós Segunda Guerra, onde um roteirista negro vai protagonizar o dilema do racismo e do lugar do negro nos Estados Unidos, principalmente em Hollywood. Uma atriz negra que fica relegada a papéis de serviçal, mesmo quando se destaca como a melhor nos testes para os filmes é preterida por uma branca. A reviravolta vai se dar quando o dirigente do estúdio tem um ataque do coração e sua esposa assume. As pessoas à volta da nova diretora do estúdio a convencem, não sem resistência, de que é hora de mudar algumas coisas e está nas mãos dela realizar esse salto.

A grande conquista da série é justamente a produção de um filme de um roteirista negro e o papel de protagonista do filme é dado a uma negra. E, embora tivesse sido considerado um investimento perdido, pois certamente haveria boicote dos brancos, a grande surpresa dos produtores foi o sucesso de público – superando a bilheteira. Sobre protagonismo negro, Paula (2011), Domingues (2009; 2011), Flores e Amorim (2011), vão discutir muito intimamente o tema desde as primeiras construções racistas sobre os negros e a África, perpassando por legislações até a atualidade.

Outras tramas estão imbricadas na série como a prostituição e a homossexualidade. Esses jovens são envolvidos na prostituição por não conseguirem realizar o sonho de serem estrelas de Hollywood. Portanto, para sobreviverem e se manterem, a única saída é a prostituição.

3.2 Coisa Mais Linda

A Figura 3 representa, ainda que ficcionalmente, a utopia de muita gente, que é sonhar que um dia a sociedade possa respeitar as pessoas sem distinção de raça, gênero, classe social, orientação sexual, religião ou quaisquer outros posicionamentos comportamentais. Os sorrisos das protagonistas representam a amizade, a felicidade, a união. O cartaz da figura 3 é referente à 1ª temporada e o sucesso garantiu uma 2ª temporada.

Figura 3 – Cartaz da série Coisa Mais Linda.



Fonte: https://br.web.img3.acsta.net/r_1920_1080/pictures/19/04/09/20/26/4730448.jpg

Coisa Mais Linda retrata com tanta clareza a visão colonialista, sexista, racista, patrimonialista da sociedade carioca e paulista dos anos de 1950 e 1960, onde a mulher só pode tomar uma decisão com a permissão do marido. Ou seja, ela não toma decisão nenhuma. Matar em nome da honra, do homem e branco. A praia não poder ser frequentada por negros. O tema da moral e os bons costumes aparece muito explicitamente. Uma mulher abrir um negócio? Nem pensar.

A Figura 4 ambienta-se com o mar ao fundo e mais distante, a visão de uma cidade com edifícios e montanhas ao fundo. Como a série é ambientado no Rio de Janeiro, deduz-se que a cidade é o Rio. A leitura da figura sugere o protagonismo na temporada. A personagem negra é retratada nos dois limites da imagem, em destaque nos lados direito e esquerdo, e as duas personagens brancas estão centralizadas, no entanto em segundo plano (Dondis, 2007). Considerando a luta antirracista, as duas personagens negras equilibram a centralização das personagens brancas. Um destaque da imagem é a posição de perfil o olhar de todas para o lado direito em direção a um ponto agradável – presumido pelo semblante de felicidade.

Figura 4 – Cartaz da 2ª temporada de Coisa Mais Linda.



Fonte: <https://assets.papelpop.com/wp-content/uploads/2020/05/coisa-mais-linda.jpeg>

Esse é o enredo de Coisa Mais Linda. Adélia, Malu, Thereza e Lígia são as protagonistas da série que, embora seja uma ficção, é uma história bem contada de uma utopia, que não seria de todo impossível, mas certamente, difícil de acontecer nos anos de 1950. Malu é uma mulher branca paulistana herdeira do café e ao chegar ao Rio de Janeiro, roubada pelo marido, não vê problema em abrir um negócio com Adélia, uma mulher negra empregada doméstica. Obviamente, Malu tem seu preconceito enraizado, mas Adélia vai mostrar a ela esse preconceito.

A relação do racismo é bastante presente na série, mas é o feminicídio um tema importantíssimo que Coisa Mais Linda discute. Um homem que cerceia, apaga uma mulher em todo o seu desejo, em todos os seus sonhos. Lígia é uma cantora nata, no entanto, é uma mulher casada da sociedade carioca, impossível ser cantora. Seu marido é um político cotado para a prefeitura do Rio de Janeiro no início da década de 1960. Este homem mata Lígia com um tiro no peito nas areias da praia quando esta estava com suas amigas comemorando o sucesso de sua apresentação no palco. Esse homem não pôde suportar isso, pois seu lugar de macho, da honra, nessa sociedade patriarcal/colonial não podia permitir tal desmoralização. Sobre violência de gênero e crimes passionais, Mazzuchel e Ferreira (2007); Sosa (2012) discutem o tema a partir de uma abordagem histórica do direito e da psicologia. Qual a visão que a sociedade tem sobre o chamado crime de amor? Os autores seguintes discutem a série “Coisa mais linda”: Valverde e Waquim (2019) discutem os meandros do direito de família e direito das mulheres; Mendes (2020) discute a mulher negra favelada; e Carvalho e Monti (2019) discutem, assim como o autor deste, a questão da educação na série.

O julgamento mostrou o pensamento e a ação da sociedade e da lei daquela época. O assassino foi condenado, mas por ser quem era – branco, da elite carioca, político - e réu primário, pôde cumprir a pena em liberdade. Quem de fato foi condenado?

3.3 Dados estatísticos

Em 20 de abril de 2020 a Agência Brasil publicou a seguinte manchete: SP: violência contra a mulher aumentou 44,9% durante a pandemia. Esse é o retrato da convivência e/ou tortura das mulheres com seus companheiros. a capacidade de inventividade e a liberdade lhes são tolhidas. A mulher que vive nessas condições é anulada como pessoa e é tida como propriedade do homem que pensa e age da forma que melhor entende para e com a mulher. O site destaca que:

No contexto da pandemia de covid-19, os atendimentos da Polícia Militar a mulheres vítimas de violência aumentaram 44,9% no estado de São Paulo. Em relatório divulgado hoje (20), o **Fórum Brasileiro de Segurança Pública** (FBSP) informa que o total de socorros prestados passou de 6.775 para 9.817, na comparação entre março de 2019 e março de 2020. A quantidade de feminicídios também subiu no estado, de 13 para 19 casos (46,2%). (Agência Brasil, 2020).

A Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres (ONU Mulheres), faz um alerta para o aumento da violência contra a mulher, de forma generalizada, pois em vários países os dados reportados revelam essa triste e alarmante estatística.

No dia 7 de abril, o veículo oficial da ONU Mulheres noticiou que autoridades, ativistas dos direitos das mulheres e membros da sociedade civil da Argentina, Canadá, França, Alemanha, Espanha, Reino Unido e Estados Unidos têm reportado aumento nas denúncias de agressões contra mulheres e na demanda por abrigos de emergência. Singapura e Chipre, por sua vez, vivem um crescimento de 30% em chamadas nas linhas de apoio às vítimas. Na Austrália, a procura por socorro foi elevada em 40%, o que mais uma vez comprova a violência contra mulher como uma questão generalizada, presente em todo o mundo e em curva ascendente durante a pandemia. (Agência Brasil, 2020).

A violência contra a mulher pode ser denunciada pelo telefone 180 que funciona 24 horas por dia todos os dias da semana, inclusive, feriados e finais de semana. O mais conhecido aparato de defesa da mulher é a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006). Na página (site) do **Ligue 180** (Brasil, 2020⁵) é apontado o link [Clique aqui para acessar balanços do Ligue 180](#), pasmem, a página não existe. Os dados existentes no site do Ligue 180 da violência contra a mulher são dos anos de 2015 e 2016. Mais uma violência contra a mulher ou mera coincidência?

Menegon e Silva (2020) discutem o aumento vertiginoso de feminicídio no estado do Maranhão no período da pandemia do COVID-19 com a triste estatística de 133,33% no aumento de feminicídio de abril de 2019 a março de 2020.

A pandemia Covid-19 pode ser considerada um grande momento de introspecção para a sociedade, que trancafiada em suas residências, viu emergir graves problemas que apesar de históricos, se encontravam invisibilizados por outras urgências, e que vem à tona na atualidade, tais como a necessidade de uma proteção mais eficaz aos grupos vulneráveis, mulheres, crianças e idosos em relação à violência doméstica. (Ferreira, 2020, p.19).

Ferreira (2020) aponta que no período considerado “isolamento social”, ou seja, no período da pandemia de COVID-19 o ambiente doméstico se mostrou mais violento para a mulher.

4. Considerações Finais

As séries retratam mulheres fortes, lutadoras, incansáveis, sonhadoras e realizadoras. As raízes do preconceito com o Outro, com o diferente, a desigualdade entre os seres humanos diferenciando-os em gênero, raça e estereótipos variados, remonta à Bíblia, e, a tempos imemoriais em que pode ter um vislumbre por meio da arqueologia e da paleontologia. Contudo, percebe-se que na modernidade ou ultramodernidade isso tem se potencializado. Quando se fala em evolução, o sentido é de

⁵ Acesso em 22 jul. 2020

que a humanidade está evoluindo seja biológica, material, histórica ou espiritual. Mas o que se vê é que a palavra evolução e humanidade não estão sendo praticadas em seu sentido lato.

O marco teórico que é utilizado no *corpus* dessa reflexão é a Netflix e a democratização do acesso a temas considerados pela telona e tv aberta e outros veículos de comunicação como tabus. Ou mesmo como não trazidos à pauta para serem discutidos. A Netflix, por ser um canal de *streaming* de acesso quase irrestrita, bastando que se tenha internet e uma conta no canal. O valor da assinatura é bastante acessível, considerando a tv por assinatura.

As séries da Netflix mostram racismo, desigualdade racial e social e de gênero, luxo, pobreza, sociedade de classe, luta de classe. Dentre as séries que tratam de colocar o dedo na ferida da sociedade do tabu, estão: *Sense8*, que é uma série que discute os super-humanos os quais a olhos da religião cristã, seriam demônios, pois conjugam em um só indivíduo, a força e habilidade de vários; *13 Reasons Why* traz a questão do suicídio, mas não cuida só disso, discute os dramas adolescentes e suas relações com os adultos; e, *Coisa Mais Linda* e *Hollywood* que escancaram a condição da mulher, do gay, do negro, da negra, do pobre, da sociedade patriarcal e a exclusão dos pobres e negros.

As questões trazidas para discussão sobre as duas séries buscaram ilustrar como o patriarcalismo, o colonialismo, buscou fundamentar o olhar em relação aos diferentes. Diferentes dos brancos e ricos. Os negros, as mulheres, a homossexualidade, embora sempre tenham existido, sempre foram negados. O trabalho era, no passado, considerado impuro e só os sem nobreza, sem alma, deveriam exercê-lo, pois não eram gente. E quem o realizava eram os sem sangue azul, os sem nobreza, os negros. Esses são alguns dos fundamentos da inferioridade do Outro, do diferente.

É nesse sentido, baseados nesses fundamentos, que homens se acham no direito de castrar a mulher, castrá-la da possibilidade de inventividade. Os homens, baseados no machismo se acham no direito de tolher a liberdade e, sendo contrariados, sentem-se no direito de tirar da mulher - a vida. E isso precisa ser combatido. É preciso falar de feminicídio, é preciso falar de homofobia, de transfobia. É preciso falar de racismo. A violência de gênero precisa acabar. Isso tem que parar.

Embora esta análise tenha como foco, um tempo passado, o *link* feito com a violência de gênero das séries pode auxiliar na discussão da violência doméstica em tempos de pandemia de covid-19, pois se quando era livre o trânsito de pessoas, as liberdades de ir e vir sem restrição, havia uma soma absurda de cerceamento da mulher, imagine-se quando este agressor estava no mesmo ambiente, disponível 24 horas por dia junto dessa mulher, o quanto isso não se exponencializou, o quanto as violências de todo tipo não foram direcionadas às mulheres, às crianças, dentro de casa?

Espera-se que essa pequena discussão possa contribuir para o tema dos direitos da mulher, para a discussão do feminicídio, dos direitos fundamentais, da discussão sobre desigualdades e minorias sociais, do racismo, da xenofobia, homofobia. Que este artigo inspire outros a lutarem e combaterem quaisquer tipos de discriminação e, devemos sempre lembrar que não basta não ser racista, é preciso ser antirracista.

Referências

- Brasil. (Agência Brasil) (2020). *SP: violência contra mulher aumenta 44,9% durante pandemia Mulheres enfrentam dificuldades para prestar queixa, alerta FBSP*. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-04/sp-violencia-contra-mulher-aumenta-449-durante-pandemia>.
- Brasil. (Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos) (2020). *Ligue 180*. <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/politicas-para-mulheres/ligue-180>.
- Carvalho, G. D. & Monti, E. M. G. (2019). Olha que Coisa Mais Linda? Quatro mulheres num mar de desafios. *Revista Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades*. CAEDU/UFPI Teresina, Brasil, 1 (2), 60-86. <https://revistas.ufpi.br/index.php/cedsd/article/view/9910/pdf>.
- Chauí, M. (2000). Brasil: mito fundador e sociedade autoritária. *Rev. Maurício Balthazar Leal*. <https://repositorio.usp.br/item/001125620>.
- Gauss, de B. Civita, F. Ortiz, C., Prata, H. & Rezende, J. (Direção). (2019-2020). *Coisa Mais Linda* (filme). Brasil. Netflix.
- Correia, A. C. V., Siqueira, C. C., Salgado, S. C. M. & Costa, W. G. C. (2022). Radioactive: Análise do potencial do filme como material de Divulgação Científica. *Research, Society and Development*, 11(2), e0311224995.

- Domingues, P. (2011). "Um desejo infinito de vencer": o protagonismo negro no pós-abolição. *Topoi*, 12 (23), 118-139. <https://www.scielo.br/pdf/topoi/v12n23/1518-3319-topoi-12-23-00118.pdf>.
- Domingues, P. (2009). Fios de Ariadne: o protagonismo negro no pós-abolição. *Anos 90, Porto Alegre*, 16 (30), 215-250. <https://www.seer.ufrgs.br/anos90/article/view/18932/11021>.
- Dondis, D. A. (2007). *Sintaxe da linguagem visual*. Martins Fontes.
- Flores, E. C. & Amorim, A. (2011). Protagonismo negro numa perspectiva afrocentrada. *Revista Brasileira do Caribe*, São Luís, 11 (22), 59-78. <https://www.redalyc.org/pdf/1591/159121748004.pdf>.
- Nenninger, T., Eyrieh, L. & Mekash, E. K. (Produção). Wertman, B., Groves, A., Spangler, S. & Shamamian, L. (Editores). Hollywood (filme). Estados Unidos: Netflix.
- Mazzuchelli, C. G. & Ferreira, K. R. O. (2007). Crime passional: quando a paixão aperta o gatilho. In: III Encontro de Iniciação Científica e II Encontro de Extensão Universitária, v. 3, n. 3, 2007. <http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/ETIC/article/view/1393>.
- Mendes, G. (2020). Uma análise da série "Coisa Mais Linda: limites e potencialidades da representação contemporânea da vida das mulheres negras e faveladas. In: El Género en la comunicación: relaciones y representatividad. Oliveira, F. A. G. & Takazaki, S. S. (Coord.), Ediciones Egregius, 2020, p. 143-165. https://www.researchgate.net/profile/Jacqueline_Cabral/publication/342480799_EL_GENERO_EN_LA_COMUNICACION_RELACIONES_Y_REPRESENTATIVIDAD/links/5f18d0dfa6fdcc9626aa21fd/EL-GENERO-EN-LA-COMUNICACION-RELACIONES-Y-REPRESENTATIVIDAD.pdf#page=144.
- Menegon, V. G. e S., & Silva, T. H. de J. (2020). Femicídio no Maranhão e Covid-19: o que diz a imprensa. *Revista Espaço Acadêmico*, 20(224), 153-163. Recuperado de <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/55021>.
- Minayo, M. C. de S. (1994). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Vozes.
- Mota Johas, B. C., & Silva Filho, A. L. A. (2020). As múltiplas violências contra a mulher, as hierarquias de gênero e as masculinidades. *Revista Espaço Acadêmico*, 20(224), 26-36. Recuperado de <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/55144>.
- Nunes Ferreira, Â. P. (2020). O ambiente doméstico como lugar do crime de feminicídio: *Revista Espaço Acadêmico*, 20(224), 16-25. <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/54995>.
- Paula, C. R. (2011). O protagonismo negro: o movimento negro na luta por uma educação antirracista. *Acervo*, 22 (2), 105-120. <http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/11/11>.
- Reis, C. R. N. (2018) *Metodologia da pesquisa em educação*. UEMAnet.
- Loges, M., Dean Jones Jr., L. & Boden, A. (Produção). Wachowski, L., Wachowski, L., Tykwer, T., McTeigue, J. & Glass, D. (Direção). (2015-2018). *Sense8*. Estados Unidos, Netflix.
- Sosa, M. G. (2012). a violência de gênero no Brasil: o caso dos crimes passionais. *Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM*, 7 (1). <<https://periodicos.ufsm.br/revistadireito/article/view/7171/4295>>.
- Shih, W. C., Kaufman, S. P., & Spinola, D. (2009) "Netflix." Harvard Business School Case 607-138, <https://www.hbs.edu/faculty/Pages/item.aspx?num=34596>.
- Shih, W. & Kaufman, S. (2014). "Netflix em 2011." Harvard Business School Case 615-007, <https://www.hbs.edu/faculty/Pages/item.aspx?num=47834>.
- Waquim, B. B. & Valverde, H. S. (2019). Coisa Mais Linda: a transformação do direito de família à luz da transformação dos direitos das mulheres. *Revista de Direito, Arte e Literatura*, Goiânia, 5 (1), 56-77.
- Incaprera, J. (Produção). Trombetta, L. (Editor). (2017-2020). *13 Reasons Why* (filme). Estados Unidos, Netflix.